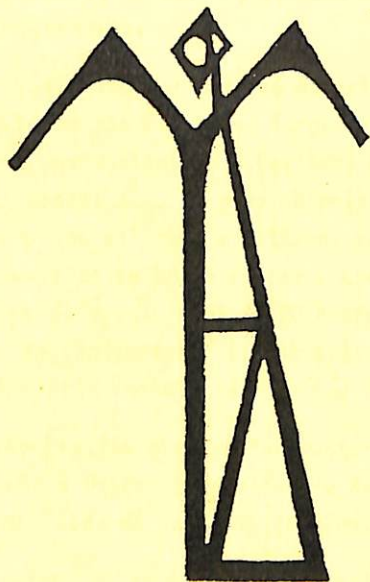


MEMORIAL ZUMBI

VOLTA REDONDA



DADOS HISTÓRICOS
ZUMBI DOS PALMARES

DADOS HISTÓRICOS SOBRE PALMARES

Quilombos eram os lugares ondes os negros escravos que conseguiam fugir de seus donos se refugiavam. O primeiro Quilombo que se organizou no Brasil foi na Bahia. Outros se enraizaram também pelo sertão brasileiro (Amazonas, Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, São Paulo), mas nenhum teve a durabilidade do Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, Alagoas. Os Quilombos revelam intensa luta dos escravos pela conquista de sua própria liberdade e constituíram sérias tentativas de implantação, no território brasileiro, de uma organização política autônoma pelos elementos africanos e seus descendentes.

Os historiadores em sua maioria, fixam em 1630 a data que começou a se formar o Quilombo dos Palmares. Surgindo durante confuso período de lutas contra os Holandeses, evidentemente o Quilombo dos Palmares, em seus quase cem anos de existência, constituiu, para os colonizadores de origem européia uma grave ameaça, não só no plano político e militar, mas principalmente para a economia canavieira, tão dependente do braço escravo. Chefiadas por alguns dos melhores comandantes militares da época, mais de 30 expedições foram organizadas para combatê-los, com tropas da capitania, milícias privadas dos senhores e, finalmente, com reforços enviados pela coroa vindos de São Paulo e Minas Gerais.

Décio Freitas diz que "na História das Américas só perde em importância para o Haiti"; o Historiador Oliveira Martins viu em Palmares "uma Iliada" e batizou Macacos, sede do Quilombo de "Tróia Negra".

A leitura de vários estudiosos da questão sugere ter sido durante a dominação Holandesa o tempo favorável ao desenvolvimento de vários Quilombos. Pode se afirmar que Gaspar Dias Ferreira (1638) orientou o Conselho Supremo na fixação de prêmios para captura de escravos, bem como a contratação de capitães-do-mato a soldo Holandeses, aos quais se pagava 1.800 florins por cada negro preso.

Como fonte histórica, para se ter um referencial da época, básico é o conhecimento dos escritos deixados por Jan Blaer e que foram estudados, dentre outros, pelo historiógrafo José Antonio Gonçalves de Mello. Jan Blaer, em seu diário, relata suas incursões contra diversos Quilombos (1645) e manifesta certeza de existência de outros bastiões da liberdade negra, admitindo mesmo "um

velho Palmares" que os negros haviam abandonado por estar estrategicamente mal situado, indo para outro Palmares, destruído por Roelof Baro e seus tapuias. Então a grande legião de perseguidos transferiu-se para um novo Palmares que Blaer atacou.

Impressiona a capacidade de resistência e a vontade de viver livre, por quanto inúmeras investidas foram realizadas no território dominado pelos holandeses, destacando-se as do capitão Lodij e Manonel de Magalhães (1642). Cresce o valor da resistência do povo negro, se considerarmos que a Holanda, da-quele tempo era uma potência econômica no mundo. Contudo, não era fácil o mister de levar à derrota a epopéia dos africanos e, em 1644, Baro dá conta ao Conde de Nassau, por carta datada de 25 de janeiro, do combate mantido com o Grande Palmares, do qual resultaram mortos cem negros e aprisionados outros 31. Informa Baro que o Quilombo estava cercado por duas ordens de estacadas e "era, tão grande que nele moravam mil famílias, além dos negros solteiros". Em volta das estacas "havia muitas plantações de mandioca e um número prodigioso de galináceos, embora não possuíssem outro animal de maior vulto, sendo que os negros viviam ali do mesmo que viviam em Angola. Refere-se às suas criações de animais e às suas roças como verdadeira colônia agrícola de feição Socialista.

Efetivamente, enquanto o branco colonizador derrubava as matas e plantava imensos canaviais (monocultura), os negros exercitavam o policultivo e, conforme a narrativa de Blaer, as roças eram abundantes e muito grandes, com plantações de milho, "sendo a terra muito própria ao plantio de toda a sorte de cereais, pois irriga por muitos e belos rios".

Renegando o latifúndio e a propriedade privada da terra, os Quilombos mostraram um novo tipo de relação de produção, sedimentada na economia familiar e onde o excedente é dado ao Estado. Cooperadores e solidários entre si os negros não praticavam a exploração nem a vadiagem, mas desenvolviam um sistema fiscalizador próprio das sociedades formadas dentro das lutas e na resistência a inautênticos instrumentos de comunicação entre os homens.

Interessante, pois, resaltar o tipo de vida desenvolvido nos Quilombos, onde se procurava manter brancos, negros e índios, embora longe da terra mãe os mesmos hábitos e costumes, para a preservação de uma cultura, de uma religião e dos valores maiores de um povo.

O exercício da autoridade caracterizava-se na existência de

um chefe, senhor absoluto, em cada mocambo, mas, nas ocasiões de guerra, reuniam-se para deliberar conjuntamente, na casa do Conselho do Macaco, sob as ordens do Grande Rei "ZUMBI DOS PALMARES".

ZUMBI DOS PALMARES

Zumbi nasceu livre em qualquer ponto dos Palmares, em 1655. Talvez no começo do ano, quando a água das cisternas é pesada e morna, talvez no meio ou mesmo no fim, quando o chão está coberto de buritis podres.

Um sabará bastante sobre ele. Milhares de documentos amarelados difíceis de ler, guardam a história do preto pequeno e magro que venceu muitas batalhas do que todos os generais juntos na história brasileira. Esses papéis dormem em Évora, em Lisboa, Recife e Maceió, aguardando estudos pacientes.

De onde eram seus pais: Congo, de Mombaça, do Daomé, do País Ashanti, da terra do jagas? Teria mulheres, tios e primos? Se sabe que era sobrinho adotivo de Ganga Zumba e conta a tradição maliciosa, que uma de suas esposas era clara (os brasileiros sempre acreditam que negros famosos e ricos devem se casar com brancas). Para Zumbi dos Palmares, a língua do povo arrumou sinhá Maria, roubada num ataque terrível às cercanias de Porto Calvo. Diziam outros que a moça lhe fora de encontro de próprios pés; terceiros que era herdeira de família senhorial extraviada nas brenhas vizinhas de Palmares. Até aqui os papéis amarelos, de sintaxe arrevesada, não disseram sim ou não à legenda romântica.

Tudo começou com um Brás da Rocha que atacou Palmares em 1655 e carregou, entre presas adultas, um recém nascido. Brás o entregou, honestamente, como era do contrato, ao chefe de uma coluna, e este decidiu fazer um presente ao cura de Porto Calvo. Padre Melo achou que devia chamá-lo Francisco. Não podia, naquele momento, está visto, adivinhar que se afeiçoaria ao pretinho.

Se pode imaginar que não foi das piores a infância de Francisco. O Padre talvez lhe batesse, como mandava a época, mas não faltou alimento e médico. Padre Melo achava Francisco inteligentíssimo: resolveu desesná-lo em Português, Latim e Religião. Talvez olhasse com orgulho o moleque passar com o turíbulo repetir os salmos.

Francisco apreciava, certamente, histórias da Bíblia. Havia

esta, por exemplo: um Sacerdote por nome Eli, velho e piedoso, aceitou na sua casa um menino chamado Samuel. Samuel era obediente e esperto. Certa noite, recolhidos os dois, Samuel ouviu que lhe chamavam: "Samuel! Samuel" "isso foi antes que a lâmpada de Deus se apagasse no tempo do Senhor: ali dormia a arca de Jeová

Samuel foi até o quarto de Eli: "O Senhor me chamou? Estou aqui...". Não te chamei filho - respondeu o velho - torna a te deitar". Na terceira vez, Eli compreendeu de quem era a voz: vai te deitar, e quando te chama - de novo responde: fala, porque o teu servo ouve". Assim fez, e a voz que ria que ele a seguisse; e deixou um recado para o sacerdote: que julgaria a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia porque fazendo-se os seus filhos execráveis, não se respreendeu.

Numa noite de 1670, ao completar quinze anos, Francisco fugiu.

"Árvore má não dá bom fruto", terá pensado o pároco, acordando sozinho na manhã seguinte.

Fora ingrato o moleque? Correndo risco de vida, três vezes, mais tarde, Francisco voltou a Porto Calvo para o Padre tirá-lo de embrulhos financeiros. Doze anos depois o cura regressou a Portugal, foi servir em Santarém e de lá, em cartas a um amigo do Porto, só falou bem do ex-coroinha. Se a mágoa guardava era consigo.

Francisco se chamava agora Zumbi!

Onde encontrou esse nome? No Congo e em Camarões, o Deus principal se chamava Nzambi; em Angola diziam ser Zombi e Zumbis no Caribe.

Francisco retornando a Palmares, com quinze anos, passou a se chamar Zumbi.

E constituiu, livremente, sua família - um pai, irmãos, tias e tios. O principal destes se chamava Ganga Zumba.

Ganga Zumba, que chegou a Palmares no tempo da invasão Holandesa, era ao contrário de Zumbi, um africano alto e musculoso. Tinha, provavelmente, temperamento suave e habilidades artísticas como, em geral, os nativos de Allada, nação fundada pelo povo Ewe na Costa dos Escravos.

Em 1670, quando Zumbi voltou, palmares eram dezenas de povoados, cobrindo mais de seis mil quilômetros quadrados. Trezentos anos depois, nomes sonoros saltam dos papéis: Macaco na Serra da Barriga (oito mil moradores); Amaro, perto de Serinhaém (cinco mil moradores); Subupira, nas fraldas da Serra da Juçara Osenga, próximo do Macaco; aquele mais tarde se chamou Zumbi, nas carcerias de Porto Calvo; Aqualtene, idem, Acotirene, ao norte de Zumbi (parece ter havido dois acotirene); Tabocas; Dambrabanga; Andalaquituche, na Serra do Cafuxi; Alto Magno e Curiva, cerca da atual cidade pernambucana de Garanhuns; Congo; Cauá; Pedro Capacaça; Guiloange; Una; Catingas; Engan-Colomin.

Quase trinta mil viventes.

De que maneira Zumbi se tornou sobrinho de Ganga Zumba, isto é, maioral chefe, da aldeia mais epgada a Porto Calvo? O ex-coroinha mal completara dezessete anos. A instrução que lhe dera Padre Melo, o prestígio que vinha de saber "coisas de branco", uma inteligência rápida e abrangente, um corpo vigoroso - ainda pequeno e enxuto - e a vontade de ferro: talvez foram essas as matérias primas que transformou Francisco em Zumbi dos Palmares.

Em setembro de 1677 ganhou as brenhas de Palmares um certo Fernão Carrilho. Soldado astuto e ambicioso, corria longe sua fama de caçador de pretos. Há um ano tentava organizar expedição contra Palmares, mas só agora partia.

Entre soldados brancos, índios e negros, a tropa eram 185 homens, relativamente bem armados. Carrilho pensava pegar de surpresa com treze dias de marcha forçada, a povoação de Acotirene: estava vazia. Apertou uns poucos prisioneiros que fez e ficou sabendo que Ganga Zumba se achava perto, em Subupira, reunido com outros chefes. Chegou tarde, só o vento redemoinhava na praça do Conselho.

Carrilho levantou um arraial, perdeu cinquenta homens por deserção, recebeu reforço de Olinda e, enfim, localizou um pedaço do exército Palmarino. No primeiro combate capturou 56 quilombolas, matando João Gaspar, João Tapuia e Ambrósio - Chefe de Mocambos - e ferindo Ganga Muíssa, Ministro de Zumbi, indômito e debochado. Um subcomandante de carrilho, o preto Roiz Carneiro, do terço dos Henriques, talou um mocambo deserto; depois nos matos, matou ou prendeu um número alto de quilombolas desarmados. Cerca de um mês após acharam uma aldeia do Amaro. Ganga Zumba estava lá flechado numa perna, abandonou na

tes de o Ganga Zumba chegar ao Recife. com um brilhante séquito de quarenta pessoas, seus enviados especiais tinham discutido e concertado os termos daquela paz. Esses primeiros enviados de Palmares causaram sensação em Recife. Entraram com seus arcos e flechas (um deles somente portava arma de fogo), cobertas as partes naturais com panos e peles, alguns de barbas trançadas. O filho natural de Ganga Zumba, ferido na guerra, chegou a cavalo. Bateram palmas diante do governador, que mandou em troca rezar missa de ação de graças na Matriz.

Dia seguinte, em clima mais solene, é que se entabularam as negociações. Chegava agora o maioral dos negros em pessoa, para ratificar o acordo que estipulava:

- 1º - Os pretos nascidos em Palmares eram livres;
- 2º - Os que aceitassem a paz receberiam terras para viver;
- 3º - O comércio entre os negros e os povoados vizinhos ficava liberado e legalizado; e
- 4º - Os negros que aceitassem a paz passariam a ser vassallos da coroa, como quaisquer outros.

A História dos homens se assemelhava entretanto, às telenovelas ou aos seriados antigos do cinema: quando tudo parece arranjado e tranquilo, alguma coisa ou alguém se intromete no enredo para desarrumar: o céu e a tempestade.

O descontentamento dos palmarinos com seu chefe supremo vinha crescendo rapidamente. Primeiro foi a série de derrotas humilhantes diante de Fernão Carrilho (a crer num documento português, o Ganga chegara mesmo a comandar um combate de porre). Depois, aquele acordo de paz miserável que restituía a escravidão a maioria dos quilombos, que para lá fugiam os negros com seus próprios pertencimentos. Políticamente sitiado em Macaco, a capital, Ganga Zumba sentiu o antigo prestígio escoar entre os dedos. Zumbi marchou, então, contra ele, acompanhado dos chefes de mocambos descontentes. Ganga Zumba fugiu, com trezentos e poucos fiéis, para Cacaú, sul de Pernambuco, onde o governo colonial havia lhe reservado terras para viver e cultivar. Se despedindo da Serra da Barriga, que não voltou a ver, jurou que resgataria, um dia, o povo da tirania de Zumbi.

Num ponto pelo menos o velho Ganga Zumba estava certo - o antigo coroinha instalou o mais implacável exército de resistência. Ocupou militarmente a Cerca Real do Macaco. Impossível dizer o que tinha em mente. Os negros co-

mo os índios, são mudos para a História. Tinha medo, de que o inimigo se nutrisse da capitulação do Ganga Zumba - bem informado, agora, sobre as defesas do Palmares - viesse, com a ajuda dele, assentar o golpe final. Se pode presumir também que Zumbi já houvesse tomado uma certa decisão, mas era cedo ainda para revelá-la. Zumbi ordenou degolar quem tentasse se mudar para Cacaú. Aumentou o exército, incluindo nele, por bem, todos os homens adultos de Palmares. Transferiu mucambos, desativou alguns e redistribuiu parte da população segundo critérios militares. Organizou um sistema de espionagem e apoio no mundo do açúcar.

A GLÓRIA DE ZUMBI DOS PALMARES

Transformou Macaco numa gigantesca fortaleza.

Enquanto isso o que acontecia com Ganga Zumba em Cacaú?

As terras não eram más, nem as águas. O problema era a vizinhança. Os pretos se sentiam inseguros, inteiramente nas mãos dos senhores de engenho e seus capitães-do-mato. O governador mandara cercá-los, todo o tempo, por índios e mamelucos hostis. Não se cumprira quase nada do tratado de paz. Grupos de provocadores queimavam as roças dos negros e com pouco, penetravam na aldeia - sem licença de Ganga Zumba - para reaver escravos fugidos. O Grande Chefe se despedia, uma a uma de suas ilusões. Já não eram muitos - uns quatrocentos - que aceitaram acompanhá-lo naquela experiência. Na sombra da noite, outros retornavam, agora a Palmares, dispostos a se submeter ao comando de Zumbi. Para não acabar só Ganga Zumba tomou uma decisão funesta: denunciou ao governador pernambucano que agentes infiltrados de Zumbi queriam assassiná-lo - pedia ajuda. O governador, e aquilo parecia um difícil jogo de xadrez, tentou um lance: enviou o irmão de Ganga Zumba propor a Zumbi uma paz definitiva, em troca apenas de ele sair de Palmares, para onde quisesse. Um mês inteiro o emissário gastou conversando. a resposta foi um sonoro não.

Zumbi dos Palmares pela terceira vez na vida dá as costas ao mundo escravista. Aos quinze anos deixara a liberdade e o conforto de padre Melo para voltar a Palmares. Aos 23 recusou negociar com os brancos escravizadores, pois nascera em Palmares. Aos 25 incompletos, fechou enfim a última porta, continuaria em Palmares para combater o sistema opressor e escravizador.

Zumbi assemelhou-se aos grandes generais da História - Ciro, Alexandre, Aníbal, Chaka, Sundiata Keita, Napoleão, a rainha Nzinga Samori - em muitas coisas. Como para a maioria deles, o poder máximo - dispor da vida e da morte de multidões - lhe chegou muito cedo, aos 23 anos. Como eles, Zumbi dos Palmares foi por muito tempo, até hoje no Brasil, recordista de vitórias militares.

Zumbi diferiu entretanto de muitos desses campeões da guerra numa coisa: não combateu para conquistar territórios ou glórias. Foi no entanto um guerreiro implacável, incapaz de hesitar diante do sangue e do fogo. Desde que se sentou no trono que fora de Ganga Zumba, na praça central da Cerca Real do Macaco, seu corpo pequeno e magro transformou numa flecha apontada para o coração do mundo escravista. Ele transformou o povo inteiro de Palmares, quase trinta mil pessoas, num arco retesado.

Por que, então, combateu Zumbi dos Palmares?

Há primeiro uma resposta genérica.

Os negros quilombolas combatiam em legítima defesa. As autoridades, os fazendeiros e seus paus-mandados não davam trégua a negros fugidos. Per correr as brenhas atrás de caça humana era mesmo uma rendosa profissão. O índio e o negro fugido, esperavam que um dia, inapelavelmente, eles chegassem.

Era assim que o pequeno Quilombo, e com grande, na verdade bem grande, foi Palmares, um dia os brancos chegavam. Quase nunca vinham para matar - negro morto não valia nada - queriam caça viva. Se não conseguiam é que levavam um par de orelhas para comprovar o serviço. Por vezes os caçadores de escravos fugidos faziam propostas: voltassem a seus donos por bem, ficava prometido suspender os castigos e as torturas, as crianças, nascidas na liberdade dos matos, livre ficariam, etc... etc... A História guarda alguns casos de acordos dessa natureza entre quilombolas e escravistas, como foi por exemplo, a paz de 1678, entre Zumba e o governo de Pernambuco.

Para aceitar um acordo com seus algozes e acreditar nas suas promessas, o quilombola precisava ter alguma ilusão sobre o funcionamento do sistema escravista, acreditar, por exemplo, que houvessem senhores maus e senhores bons. Era preciso também que tivesse chegado ao limite de sua resistência, como a capivara encurralada pelos cães ao fim de uma longa caçada.

Zumbi dos Palmares não era absolutamente ingênuo: conhecia o

mundo ao açúcar. Além disso, naquele ano em que se sentou no lugar de Ganga Zumba o inimigo é que lhe parecia acuado - Palmares continuaria na ofensiva. Zumbi dos Palmares combateu também e esta é uma resposta menos genérica, porque acreditava numa espécie qualquer de vitória. Qual? Será preciso contar um pouco mais daquela guerra, chegar ao seu desfecho para responder.

A paz que Ganga Zumba e D. Pedro de Almeida firmaram não durou dois anos. Diversas foram as razões do fracasso, mas a principal é que os governa dos palmerinos de um lado, pernambucanos de outro, eram na realidade irreconciliáveis. Ganga Zumba acabou envenenado por adeptos de Zumbi, que se infiltraram no Cacaú. O governador de Pernambuco o socorreu tarde, só a tempo de executar sumariamente os conspiradores João Mulato Canhongo e Gaspar. Naquele mesmo ano 1680, em que se apagou a estrela de Ganga Zumba, um sargento saiu pelas estreitas vielas de Porto Calvo apregoando uma mensagem para Zumbi (se esperava que, como outras, ela chegasse rapidamente à Serra). O Governador perdoava todos os crimes de Zumbi se, em boa paz, ele descesse a viver ao lado de seu tio Ganga Zumba.

Cinco anos depois, foi o próprio Rei (se chamava Pedro II) que escreveu ao general quilombola: "Eu Rei faço a vós Capitão Zumbi dos Palmares que hei por bem perdoar-vos de todos os excessos que haveis praticado assim contra minha Real Fazenda como contra os povos de Pernambuco, e que assim o faço por entender que vossa rebeldia teve razão nas maldades por alguns maus senhores em desobediência às minhas ordens reais. Convido-vos a assistir em qualquer estância que vos conviver, vossa mulher e vossos filhos e todos os vossos capitães, livres de qualquer cativo ou sujeição, como meus fiéis súditos, sob minha real proteção, do que fica ciente meu governador que vai para o governo dessa capitania."

Zumbi não deu sequer resposta a qualquer destes apelos. O governo colonial pôs, então, em prática uma velha idéia: mandou atacar Palmares por um batalhão de henriques. Eles voltaram derrotados.

Zumbi retaliou, mandou invadir Alagoas, no litoral, os quilombolas caíram numa emboscada ao deixar a vila, mas sequestraram várias mulheres, algumas brancas. Cada golpe provocava outro contrário. Um calafrio de terror parecia correr os engenhos e pequenas vilas, enrodilhadas sobre o próprio ventre. Qualquer negro, naqueles anos de sangue o fogo, fosse livre ou cativo, era suspeito de espião palmarino. As alforrias foram oficialmente suspensas em Pernambuco, como represálias; quilombolas eventualmente capturados deviam ser vendidos para bem longe da capitania.

importado e comprar menos negros. Os pobre-diabos que viviam imprensados entre a grande fazenda e o governo (era só num ou noutro que eles encontravam trabalho), ficaram a pão e água. A raiva e o desespero, que tinham partido com a peste, retornaram, naquele ano infeliz de 1693, às ruas de Recife. Corria por tado parte' a notícia de que os palmarinos viviam bem. Os capturados na guerra, de passagem por Alagoas, Penedo, Porto Calvo, de passagem, pois tinham que ser vendidos para bem longe, pareciam bem nutridos, por contraste com moradores brancos, em geral esqueléticos e esfarrapados.

Palmares sempre exercera sobre aquela gente pobre livre das cidades litorâneas o fascínio da terra prometida, as melhores terras, os melhores frutos, as excelentes águas. Se preparando para uma cruzada definitiva contra o Estado Quilombola, o governo colonial explorou, então, a frustração e a inveja da plebe urbana. Lhe promete mundos e fundos, se participasse de uma expedição ao "valhacouto dos negros", esvaziou os presídios, indultando os fora-da-lei, convocou militares vadios da Bahia, da Paraíba, do Rio Grande do Norte. A toda essa gente, a propaganda de guerra fez crer que a origem dos males brasileiros era a pátria dos negros.

Quando entrou janeiro de 1694, com seus fortes calores, suas repentinas pancadas de chuvas, suas inexplicável mortandade de peixes nas lagoas cor de lama vizinhas do mar, uma tropa de nove mil homens se pôs lentamente em marcha - seria o bizarro, o espetáculo, barulhento. Só na Guerra da Independência, 130 anos depois, se viu exército igual ou maior.

UMA ÚNICA CHANCE

Domingos, comandante do exército colonial, nunca tinha visto nada parecido em toda sua vida. Custava crer que fosse obra de negros. Entre o verde do mato e o azul puríssimo do céu, numa extensão semi-circular de cinco quilômetros e meio, se erguia a escura muralha de troncos e pedras. Dez homens, um de pé no ombro de outro, não tocariam sua borda, não tocariam sua borda. Olhando melhor se descobria que não era uma mas três muralhas, e tinha retentes, guaritas, quebrava em diversos lugares, abria torneiras para atiradores a cada dois metros.

Domingos ordenou que batedores se aproximassem, caíram nos fossos que circundavam a fortificação e agonizavam agora, estrepados em paus de

ferro que entravam pela virilha e saíam pela garganta. Um dos subcomandantes lhe deu então a idéia de construir contracerças de proteção, enquanto traçavam o plano final de ataque. Imediatamente ordenou que começassem, em silêncio, a construção dessa nova contracerça, oblíqua à muralha palmarina. Deviam levá-la até encostar no grande precipício à esquerda do Macaco, tão rápido que estivesse pronta ao clarear do dia seguinte. Veriam aqueles negros dos Palmares.

Quando no meio da noite Zumbi dos Palmares descobriu o ardil de Jorge Velho, sua primeira providência foi executar o sentinela que não dera o alarme. Zumbi dos Palmares estava mais uma vez encurralado e com uma única chance de escapar. Até quando teria que jogar aquele jogo sem fim? Há pelo menos 25 anos ele pessoalmente ganhava e perdia batalhas. A guerra tinha no entanto cem anos, desde que aquele punhado de negros incendiou a fazenda do amo, no sul de Pernambuco e se abrigou na serra, fundando Palmares.

Zumbi juntou os comandantes e oficiais. Possivelmente, então lhes conferiu o fracasso do plano que urdira, atrair o exército em peso para uma grande batalha às portas da capital e massacrá-lo. Se perdessem, os sobreviventes poderiam recomeçar em outro lugar, Eles seriam o novo Palmares. Se vencessem eles poderiam recomeçar em outro lugar. Eles seriam o novo Palmares. Se vencessem, o governo colonial ficaria de tal forma fraco e desmoralizado que aceitaria Palmares como nação soberana. Em qualquer dos casos Palmares viveria.

Na beira do abismo, do lado ocidental da fortificação, restava uma passagem que o inimigo não tivera tempo de fechar. Por ali saíam os guerrilheiros, sem mulheres e sem crianças, rápidos e mudos. Recompuestos e em algum ponto, recomeçariam a guerra. Quando passavam os últimos, porém, rolaram pedras. Um mameluco abriu fogo sobre eles. Sem saber se combatiam ou se escapavam, os guerrilheiros palmarinos se entrechocavam. Perto de duas centenas despencaram pela cratera sem fundo. Jorge Velho não quis persegui-los. A caça melhor estava dentro de Palmares. Mandou canhões cuspirem fogo sobre a cidadela. Pelos escumbros da formidável parede, a multidão de índios, mamelucos e soldados finalmente penetraram em Palmares.

AS DUAS MORTES DE ZUMBI

E num gesto impressionante, Zumbi, no seu orgulho, se precipitou do alto da Serra.

Por muito tempo se acreditou que Zumbi morreu desse jeito. Não os contemporâneos que ficaram sabendo perfeitamente como tudo aconteceu, mas os pósteros historiadores ou simples curiosos que nos séculos XIX e XX se interessaram pelo herói negro. Até recentemente era aquela lenda, e não a verdade a contecida, que se lia nos livros de História do Brasil. Por que se acreditou tanto tempo nessa mentira? Talvez possamos explicar completamente algum dia, mas uma coisa é certa, a legenda do herói étnico que prefere a morte ao cativo fascina nossas mentes, charme indiscutível do "Último dos Moicanos". Zumbi que se postara na retaguarda da coluna de guerrilheiros que deixou Palmares na madrugada de 6 de fevereiro de 1694, escapou com vida. Tinha, naquele momento, apenas 39 anos. Há dezoito, andava coxo, de um ferimento à bala que recebeu em combate. Não era muito para quem combatia há 25 anos.

Antes de completar um ano da queda de Palmares, Zumbi invadiu a Vila de Penedo atrás de armas. Dois mil quilombolas sobreviventes, segundo Domingos Jorge Velho, continuavam a infestar a região, emboscando soldados e atacando pequenos burgos sonolentos. Só os muito tolos ou oportunistas acreditavam que a destruição da cerca real dos Macacos fosse o fim de Palmares.

Zumbi dos Palmares vencera dezenas de batalhas aplicando com engenho as regras da guerra do mato. A única vez que buscou o combate frontal, em posição fixa, fracassara miseravelmente. Perdera talvez para sempre o domínio da Serra da Barriga, onde começava a se estabelecer agora, entre brigas e equívocos, a chusma de vencedores: bandeirantes, comandantes militares e aristocratas de Pernambuco e Alagoas. Então dividiu seus homens (cerca de mil, a conta de Jorge Velho parece exagerada de propósito) e voltou à guerrilha. Povo não tinha mais. Um dos seus bandos, sob a chefia de certo Antônio Soares, foi emboscado perto de Penedo. Prenderam-no e o enviaram sob forte guarda para Recife.

No caminho a guarda se encontrou com a bandeira de André Furtado. brigaram pela posse do preso importante. André Furtado o sequestrou, para lhe aplicar por longo tempo violentas torturas - queria o esconderijo de Zumbi. Nada conseguiu, até que mudou de tática. Lhe garantia a vida e a liberdade se cooperasse. Zumbi confiava em Soares, e quando este lhe meteu a faca na barriga se preparava para um abraço. Seus olhos devem ter brilhado então de estupor e de salento. Seis guerrilheiros apenas estavam com ele naquele momento. Cinco foram mortos imediatamente pela fuzilaria que irrompeu dos altos em volta de Zumbi que, sozinho matou e feriu vários.

Foi isso na brenha da Serra Dois Irmãos, por volta de cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1695. Dia seguinte o cadáver chegou a Porto Calvo. Não estava bonito de ver. Tinha quinze furos de bala e inumeráveis de punhal. Lhe tinham tirado um olho e a mão direita. Estava castrado, o pênis na boca. Banga, único sobrevivente da guarda de Zumbi, os escravos Francisco e João e os fazendeiros Antônio Pinto e Antônio Souza testemunharam perante os Vereadores, que aquela pequena carcaça, troncha e começando a feder, era indiscutivelmente Zumbi dos Palmares.

Depois de lavrado o "auto de reconhecimento" a Câmara mandou separar a cabeça. Seguiria só para o Recife, acondicionada em sal fino. Lá chegando, o governador espetou-a na ponta de um pau comprido, na praça principal. Curtissem os brancos sua merecida vingança e vissem os pretos que não era imortal.

E o dia 20 de novembro é reverenciado por todos os movimentos negros do Brasil como o Dia Nacional da Consciência Negra.

Palmares é o espírito de Zumbi e está vivo dentro do peito de cada cidadão brasileiro consciente, que luta por um Brasil Socialista e Democrático, sem distinção de cor, raça ou religião e sem diferenças sociais.

COMISSÃO DO MEMORIAL ZUMBI

Jorge Luiz Costa de Aquino - Coordenador
Carlos Henrique Almeida - Secretário
José Cândido - Tesoureiro
José Carlos G. Rosa - Assessor Jurídico
Mário Sérgio Colimério - Assessor Técnico
Solange Fernandes - Relações Públicas

FONTE DE PESQUISA

* Caderno Cândido Mendes
(Estudos Afro-Asiáticos - 8.9)

* Zumbi 2ª Edição
Joel Rufino dos Santos
Editora Moderna

ESCORÇO LITERÁRIO

Carlos Henrique Almeida (Carlinhos)
Secretario da Comissão Memorial Zumbi - VR - RJ

* DISTRIBUIÇÃO GRATUITA *

IMPRESSO GRÁFICA C.M.V.R.